

ESTER BEZERRA DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Goiânia, 2020

ESTER BEZERRA DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, na Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob a orientação da Profa. Dra. Salete Flôres Castanheira

Goiânia, 2021

ESTER BEZERRA DOS SANTOS

**FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

BANCA EXAMINADORA

AVALIAÇÃO

Orientadora: Prof.^a Dra. Salete Flôres Castanheira

NOTA

Conteúdo: (até 7,0)

Apresentação oral: (até 3,0)

Examinadora: Profa. Ms. Patrícia Marcelina Loures

NOTA

Conteúdo: (até 7,0)

Apresentação oral: (até 3,0)

MÉDIA

Goiânia, 08 de dezembro de 2021.

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso primeiramente a Deus. E com todo amor aos meus pais, Célio de Jesus dos Santos e Maria Vilene Bezerra dos Santos, que sempre me encorajaram a estudar, desde a infância até aqui, me passando valores que levarei comigo por toda a vida. Aos meus irmãos, Matheus Bezerra dos Santos (*in memoriam*) e Maria Cristina Bezerra dos Santos, que sempre torceram por mim. E ao meu esposo, Gabriel Nojoza que me apoiou, compreendeu e me amou sempre.

Agradeço a Deus, pela minha vida, e por me conceder graça diante os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus pais e irmãos, meus principais incentivadores.

Ao meu esposo Gabriel Nojoza por sua presença, durante os últimos anos.

Às minhas colegas de curso, pelo companheirismo nesta trajetória. Em especial, a Camilla Alinne, que caminhou comigo nos desafios enfrentados ao longo do curso, e que se tornou uma grande amiga.

Às minhas colegas de trabalho, Thalita, Lucimária, Alcilene, Eleuza, Daiene, Julia, Graciele, Rosana, Lorena e Silvana, que foram tão importantes nesta trajetória. Em especial, à minha coordenadora, Mônica Selvati, pelo seu companheirismo, oportunizando o meu aprendizado. Aos professores da EFPH, por compartilharem conhecimento, em especial, as professoras Patrícia Marcelina Loures, que atenciosamente atendeu ao convite de examinadora, e a minha querida orientadora, Salete Flôres Castanheira, com quem pude contar na realização do trabalho. Sua orientação foi decisiva para a conclusão do mesmo.

A todos minha eterna gratidão!

“Ler um texto, sobretudo, exige de quem o faz, estar convencido de que as ideologias não morreram. Por isso mesmo, a de que o texto se acha empenhado ou, às vezes nele se acha escondida, não é necessariamente, a de quem vai lê-lo. Daí a necessidade que tem o leitor ou a leitora de uma postura aberta e crítica, radical e não sectária, sem a qual se fecha ao texto e se proíbe de com ela aprender algo porque o texto talvez defenda posições antagônicas às do (a) leitora. Às vezes, o que é irônico, as posições são apenas diferentes” (FREIRE, 1997, p.76)

RESUMO

Ester Bezerra dos Santos *
Salette Flôres Castanheira**

Este trabalho procura compreender o significado amplo da leitura e a sua importância como prática pedagógica e social. Utiliza as modalidades de pesquisa bibliográfica e documental e outros processos de investigação de base eletrônica. A fundamentação teórica teve como principais suportes: Vigotsky (1991), Oliveira (2001), Solé (2009), Rojo (2012), Rego (2014), Bortoni-Ricardo (2015) dentre outros. Investiga as diferentes concepções de leitura: decodificada, interativa e compreensiva. Entre elas reconhece a leitura compreensiva como a mais significativa para formar leitores críticos. Admite que para aluno chegar ao exercício da leitura compreensiva, necessita de que o professor exerça seu papel de mediador. Descreve e analisa as estratégias cognitivas da leitura: Inferências, Predição, Checagem de hipótese, Movimento dos olhos de ir e vir sobre o texto e a Metacognição. Argumenta sobre a relação entre o ensino da leitura e desenvolvimento das estratégias cognitivas para a compreensão leitora. Advoga que a mediação pedagógica é fundamental para o desenvolvimento das estratégias cognitivas pelo aluno. Conclui sobre a importância da mediação leitora enquanto ferramenta de aquisição da leitura compreensiva. Apresenta uma proposta de planejamento de aula, com suporte da mediação leitora e o emprego das estratégias cognitivas da leitura.

Palavras-chave: Leitura. Leitura compreensiva. Mediação leitora. Estratégias cognitivas da leitura. Formação de professores. Ensino fundamental.

* Acadêmica do Curso de Pedagogia da PUC Goiás.

** Professora Doutora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Orientadora.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO 1 – COMPREENDENDO A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA ESCOLA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO | 13 |
| 1.1 LEITURA E SUAS DIFERENTES CONCEPÇÕES | 13 |
| 1.2 LEITURA DECODIFICADA | 15 |
| 1.3 LEITURA INTERATIVA | 16 |
| 1.4 LEITURA COMPREENSIVA | 18 |
| CAPÍTULO 2 - LEITURA COMPREENSIVA E A IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DA LEITURA | 20 |
| 2.1 LEITURA COMPREENSIVA | 20 |
| 2.2 ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DE LEITURA | 21 |
| CAPITULO 3 – LEITURA COMPREENSIVA: MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA | 26 |
| 3.1 A TEORIA DA APRENDIZAGEM DE VYGOTSKY: O CONCEITO DE MEDIAÇÃO | 26 |
| 3.2 ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL (ZDP)..... | 27 |
| 3.3 MEDIAÇÃO LEITORA | 28 |
| 3.4 COMO REALIZAR A MEDIAÇÃO LEITORA | 29 |
| 3.4.1 Preparação antes da leitura | 30 |
| 3.4.2 Efetivação - o momento da leitura | 30 |
| 3.4.3 Após a leitura do texto | 31 |
| CAPITULO 4 – COMPREENSÃO LEITORA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO 32 | |
| 4.1 O TEXTO..... | 32 |
| 4.2 MEDIAÇÃO ANTES DA LEITURA | 32 |
| 4.3 MOMENTO DA LEITURA..... | 33 |
| 4.4 MEDIAÇÃO APÓS A LEITURA..... | 35 |
| 4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA DE MEDIAÇÃO LEITORA..... | 36 |

CONSIDERAÇÕES FINAIS38

REFERÊNCIAS.....39

INTRODUÇÃO

Dada a importância do ensino da leitura como alicerce para a formação de sujeitos críticos, e entendendo a compreensão da leitura como indispensável para o processo de aprendizagem de todas as disciplinas, o tema proposto: “A construção da compreensão leitora nos anos iniciais do ensino fundamental” é, sem dúvida, relevante, e um desafio, a ser enfrentado pelos futuros professores.

A leitura é uma das principais tarefas da Educação Básica, pois o aluno terá acesso aos conteúdos, às informações, lendo. É dialogando com os autores, interpretando, compreendendo o que lê que avançará na sua escolaridade. É através da leitura que temos acesso a novos conhecimentos, expandimos nossa bagagem cultural, enriquecemos nosso vocabulário. Na sociedade moderna, aprender a ler, no sentido pleno, é indispensável para que os sujeitos possam ter uma participação ativa na compreensão da realidade e nas tomadas de decisões que poderão influenciar sua vida e a vida da comunidade.

“A construção da compreensão leitora nos anos iniciais do ensino fundamental” pretende nos ajudar a compreender melhor a importância do ensino da leitura com um olhar para o papel do professor mediador, na realização dessa tarefa.

Ao longo do curso de Pedagogia algumas disciplinas abordaram o assunto. Já nos primeiros estudos, apareceram os contrapontos entre a leitura decodificada, mecânica e a leitura no sentido pleno. Evidenciava-se assim, a necessidade da leitura compreensiva na formação da cidadania ativa dos sujeitos. O papel da mediação pedagógica, o papel do professor neste processo, para ajudar o aluno a encontrar as relações de conceitos, as nuances do texto, foi algo inovador, desafiante, e encantador na minha formação.

Autores como Vygotsky (1991) e Solé (2009) fazem questão de ressaltar que o aluno não aprende sozinho e que é necessária a mediação de pessoas mais experientes, como o professor.

Solé (2009, p. 35), ao tratar da leitura, adverte: “não se intervém no processo, não se incide na evolução da leitura para proporcionar diretrizes que permitam compreendê-la; em suma – e mesmo que isso possa parecer exagerado –, não se ensina a compreender”.

O professor é o principal mediador e influenciador da prática da leitura, que propicia o pensamento crítico dos alunos leitores. A mediação pedagógica no ensino da leitura exige que o professor conheça as estratégias cognitivas de leitura, a fim de ajudar os alunos a desenvolvê-las e aplica-las em outras situações. Os alunos não as desenvolvem sozinhos, mas com a mediação pedagógica. Ensinar a ler é tarefa da escola, é a principal tarefa dos anos iniciais do ensino fundamental.

O ato de ler de forma compreensiva desenvolverá no leitor habilidades de inferir sobre as informações do texto, antecipar ideias, predizer palavras, fatos, trabalhar cognitivamente num movimento de “ir e vir” sobre o texto, dialogando com o autor, ou seja, desencadeando todo um processo cognitivo para compreensão, para ser um leitor ativo.

Reafirma-se que a leitura deve ser entendida como um projeto curricular, que não faz parte apenas da disciplina língua portuguesa, mas engloba todas as disciplinas do currículo. As dificuldades no ensino da matemática podem estar relacionadas à interpretação do problema, à compreensão do enunciado. Os conteúdos de geografia, história e outras disciplinas do currículo do ensino fundamental estarão disponíveis nos textos informativos.

Compreende-se, então, que o aluno, para se tornar um cidadão ativo, precisa aprender a ler, mas não uma leitura limitada em apenas codificar e decodificar, e sim adquirindo o pleno domínio da leitura. Para uma leitura significativa, não basta a decodificação é preciso envolvimento, interpretação, associação, compreensão. Isto significa, que o aluno deverá dialogar com o autor, encontrar as diferenças quase que imperceptíveis no texto, extrair seu conteúdo. só assim podemos pensar em pleno domínio da leitura e cidadão ativo.

Entretanto, para que esse processo ocorra com eficiência, no sentido pleno, não basta decifrar o código escrito. É preciso adotar estratégias de exploração do texto, extraindo seu teor, seu significado, seu sentido. Com o tempo, essas estratégias tornam-se naturais, imperceptíveis, facilitando a interação do leitor com o texto.

Até que essas estratégias sejam dominadas pelo aluno, é preciso que a mediação pedagógica ocorra. É papel do professor ser mediador, preparado teoricamente, com subsídios que orientem a sua prática mediadora.

Neste contexto, pergunta-se: qual o papel do professor no ensino da leitura? O que são essas estratégias? Como elas podem ser ensinadas e apreendidas? O que significa mediação leitora? Existe uma proposta pedagógica que possa contribuir com

um ensino mais eficaz da leitura? A partir dessas questões de pesquisa surge o problema central: como desenvolver a compreensão leitora e qual o papel da mediação pedagógica, nesse processo?

Com vistas ao problema e com o objetivo de investigar a compreensão leitora e o papel da mediação pedagógica, o estudo desenvolveu por meio de pesquisa de referências bibliográficas, tendo como fontes de investigação livros, artigos científicos, dissertações e teses que contribuíram para a construção do aporte teórico, filmes, fotos, entre outros. A sistematização desses estudos resultou em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado “Compreendendo a importância da leitura na escola e na formação do aluno”, tem como eixo norteador o significado amplo da leitura e a sua importância no meio social. Aponta diferentes concepções de leitura, exemplificando três tipos de leitura - a decodificada, a interativa e a compreensiva - caracterizando cada uma delas e definindo suas principais diferenças.

No segundo capítulo, “Leitura compreensiva e a importância das estratégias cognitivas da leitura”, o objetivo principal é dialogar sobre como o aluno pode chegar ao exercício da leitura compreensiva e como se dá o uso e desenvolvimento das estratégias cognitivas da leitura durante esse processo. A habilidade que o leitor adquire no processo de aquisição da leitura é a capacidade de monitorar seu pensamento antes depois e durante a leitura, utilizando das ferramentas necessárias para esse exercício.

O capítulo 3 apresenta “Leitura compreensiva: mediação pedagógica” destacando a importância da mediação leitora enquanto ferramenta de aquisição da leitura compreensiva. Neste, faz-se uma revisão da teoria da aprendizagem de Vygotsky, no que refere ao conceito de mediação, com o objetivo de centralizar o papel que o professor exerce de favorecer a aprendizagem do aluno, visando formar leitores competentes.

Para finalizar o capítulo 4, “Compreensão leitora: uma proposta de mediação”, aborda uma proposta de planejamento de aula de leitura, visando apoiar esse trabalho de mediação do professor. Não é um modelo pronto a ser seguido obrigatoriamente mas uma sugestão de mediação.

Diante da relevância e das contribuições que o presente trabalho pode prestar aos acadêmicos e demais interessados, a autora reflete a significância do trabalho para sua formação, bem como os desafios a serem galgados para a formação de leitores que compreendem além do que leem, que estão atentos ao mundo a sua volta

diante de suas nuances. A reflexão do trabalho da mediação pedagógica mostra o quanto ela é necessária e decisiva para a formação de cidadãos críticos.

CAPÍTULO 1 – COMPREENDENDO A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA ESCOLA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO

1.1 LEITURA E SUAS DIFERENTES CONCEPÇÕES

A leitura tem uma importância muito grande na vida de qualquer pessoa, pois é ela que possibilita a construção de conhecimentos, desde os mais simples, como se locomover na cidade, até um raciocínio mais concreto, elaborado, reflexivo, coerente, amplo, dentre tantos que propiciam a construção de um senso crítico. Além disso, promove inúmeros benefícios, desde os anos iniciais até a vida adulta. A leitura promove o crescimento educacional do aluno. O hábito de ler amplia o conhecimento acerca de diversos assuntos, enriquece o o vocabulário, auxilia no desenvolvimento da escrita e leva o leitor a conhecer o presente e o passado.

Os estudiosos do tema consideram a leitura na educação escolar como um processo contínuo de aprender a ler para apreender os outros conteúdos do conhecimento. Ela é decisiva para o sucesso dos alunos em todos os componentes curriculares. Daí, advogam a favor da leitura como componente curricular. É pela leitura que os alunos se aproximam da sua cultura, da cultura social e constroem cultura escolar.

Solé (2009), professora do Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação na Universidade de Barcelona, na Espanha, vem sobressaindo nas últimas décadas ao desenvolver pesquisas sobre a compreensão leitora. As premissas apontadas por ela corroboram o propósito de advogar a leitura como componente curricular:

1. Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas [...]
2. Na leitura, o leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios. [...]
3. A aprendizagem da leitura e de estratégias adequadas para compreender os textos requer uma intervenção explicitamente dirigida a essa aquisição. [...]
4. Nas sociedades ocidentais, a aprendizagem da leitura é encomendada à instrução formal oferecida pela escola. [...] O trabalho da leitura deve ser estendido ao longo de toda a escolaridade. [...] Esses leitores aprenderão lendo, enquanto desfrutam sua tarefa.
5. [...] o ensino da leitura não é questão de um curso ou de um professor, mas questão de escola, de *projeto curricular* e de todas as matérias (existe alguma em que não seja necessário ler?).
6. Por último, [...] o envolvimento que exige dos responsáveis, professores e alunos para que ocorra a aquisição dessa aprendizagem (SOLÉ, 2009, p. 18-19).

Essa visão amplia a responsabilidade dos professores em relação à leitura, não restringindo essas tarefas apenas aos professores da disciplina de língua portuguesa, mas a todos em suas respectivas disciplinas. O ato de ler tem que ser um momento prazeroso e, nesse sentido, o processo deve ser desenvolvido com cautela para que não se torne uma obrigação ou uma tarefa exaustiva para os alunos.

Para compor um ambiente de leitura, é necessário que o aluno possa interagir com uma variedade de textos escritos. A leitura deve fazer sentido de fato para o aluno. Não se obtém êxito solicitando que os alunos façam a leitura apenas dos livros didáticos ou impostos pelo professor, pois para formar leitores competentes é necessário trabalhar com a diversidade textual.

Nesta visão os alunos devem

[...] paulatinamente ir se apropriando dos conteúdos socioculturais e construindo sua participação autônoma e crítica na sociedade. Entretanto, essa meta só se concretizará se a leitura de textos de fato contemplar a diversidade de escritos veiculados pela sociedade, dentro das diferentes contextos em que se realizam e as múltiplas funções que desempenham, desde aquelas relacionadas às leituras de textos estritamente utilitários até aquelas destinadas ao atendimento do senso estético, à fruição, ao puro prazer de ler (MILLER, 2003, p. 337).

O processo da leitura proporciona ao aluno uma diversidade de possibilidades. Os textos lidos e o conhecimento adquirido resultam em um crescimento significativo de informações na memória do receptor, o que gera um aumento significativo de habilidades para o mesmo.

Solé (2009, p. 44), ao desenvolver pesquisas sobre a compreensão leitora, defende a ideia de que "ler é compreender e compreender é, sobretudo, um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender".

A autora conceitua "leitura como um processo de relação do leitor e texto, onde o leitor tenta nesta relação obter as informações necessárias para que assim haja a compreensão da leitura, ou seja, construa uma interpretação". (SOLÉ, 2009, p.22).

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos, contribui de forma decisiva para autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias numa sociedade letrada.

Lemos para construir saberes, para nos manter informados, para fruição, para entender o mundo. A compreensão de um texto envolve inúmeras habilidades, que ultrapassam a capacitação de simplesmente reconhecer as palavras, decodificá-las, atribuir-lhes significado. Ler é produzir sentido em um processo de interação autor-leitor-texto-mundo. Para Paulo Freire, a

leitura do mundo precede a leitura do texto. Ou seja, construir sentido é estar mergulhado no mundo e no que ele significa dentro de uma cultura em particular. Para compreender o texto, o leitor aciona, no ato de ler, conhecimentos prévios que o ajudarão a estabelecer conexões entre informações novas contidas no texto e as que ele já sabe. Quanto maior o número de informações novas, mais aprendizado haverá. (FREITAS 2012, p. 70).

O significado do texto constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor. Além das informações obtidas do texto, o leitor carrega uma bagagem daquilo que ele já sabe antes da leitura, o que faz toda a diferença no momento da compreensão do que se lê e do mundo que o cerca. Como destaca Kleiman (1999, p.13),

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.

O conhecimento prévio está presente no ato da leitura, auxilia o leitor, e estabelece sentido entre as informações lidas e aquelas que o leitor têm armazenadas na faculdade da memória. Sem essa relação, o sentido do texto ficará cada vez mais distante.

A forma da leitura pode ser abordada de diversas maneiras. Em linhas gerais, podemos dividir em três formas - decodificada, interativa e compreensiva - que serão detalhadas a seguir.

1.2 LEITURA DECODIFICADA

A leitura decodificada segue um modelo tradicional de codificação e decodificação, onde o significado fica renegado ao segundo plano. Nessa forma, o leitor está preocupado em decodificar os símbolos e as letras que encontra no texto e não se preocupa com o significado das palavras e das frases. É uma leitura superficial, que não agrega sentido ao leitor. Nessa perspectiva, o processo de decodificação interfere no desenvolvimento de leitores proficientes, que na definição do Indicador de Analfabetismo Funcional, são as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos de maior complexidade, analisando e relacionando suas partes, comparam e

avaliam informações e distinguem fato de opinião. (INSTITUTO, 2019, p. 11)

Na perspectiva da leitura decodificada, o aluno consegue decodificar mas não obtém uma compreensão de fato do que é lido. Para isso, é necessário ir além do domínio da linguagem e seus segmentos (elementos fonológicos, lexicais, sintáticos, semânticos); ele precisa processar e armazenar as informações manipuladas para lidar de forma eficiente tanto com a linguagem falada como com a escrita.

Essa forma de leitura pode se tornar inadequada quando interfere no processo de compreensão, pois há uma maior preocupação com a forma do que com o conteúdo. Há ocorrência recorrente de pausas, repetições, decodificação errada das palavras, etc.

Segundo Santos (2016), os erros mais comuns são as pausas, a repetição, a a leitura silabada, a decodificação errada de palavras e a substituição de palavras.

A pausa ocorre quando o leitor faz uso dela em um contexto não esperado, prejudicando a fluência da leitura. Essa falha compromete, também, a compreensão do texto, visto que a pausa inadequada quebra a sequencialidade da leitura, forçando a repetição da palavra ou do sintagma para a recuperação de seu significado. (SANTOS, 2016)

A repetição se dá em forma de correção de uma decodificação errada da palavra, ou quando o leitor repete alguma palavra ou frase lida anteriormente. Já a substituição de palavras pode acontecer quando o leitor troca palavras, ou seja, ler uma palavra por outra do mesmo campo semântico ou por uma palavra de outro campo semântico, mas parecida na forma. A substituição ocorre quando há indícios da estratégia de adivinhação ou decodificação parcial da palavra a ser lida, o que acarreta na pronúncia de outra palavra também já armazenada na memória. (SANTOS, 2016)

A decodificação errada se dá quando o leitor troca, apaga ou acrescenta algum fonema, sílaba na palavra, comprometendo sua estrutura e o significado, o que pode indicar falhas no processo de reconhecimento ou de distinção dos fonemas. Essa falha na leitura pode ser frequente nos anos iniciais da escolarização. (SANTOS, 2016)

1.3 LEITURA INTERATIVA

A leitura interativa busca uma maior interação entre o leitor e autor. Para que

isso ocorra, é necessário primeiramente que o texto seja claro, relevante e que consiga mapear pistas. Segundo Rojo e Moura (2012, p. 194), "a leitura como processo interativo prevê a construção do significado do texto por meio do processamento de deixas, pistas de interação que ocorrem no ato da leitura entre leitor e autor." Existe uma troca entre ambos visando a construção do significado.

Antunes (2010) sinaliza que, na busca interpretativa de um texto, os elementos gráficos (palavras, sinais) funcionam como instruções do autor, as quais o leitor não pode desprezar, pois, a partir disso, ele descobre significações, elabora suas hipóteses e tira suas conclusões. O sentido de texto é construído então nesse diálogo, nessa interação autor-leitor.

A leitura interativa tem raízes na Psicologia Cognitiva. O principal representante dessa visão é Ausubel (1918-2008), psicólogo estadunidense, proponente da teoria da aprendizagem verbal significativa, que prestou grandes contribuições à educação ao desvelar a organização cognitiva interna dos sujeitos na construção da aprendizagem. Ele é o grande teórico da aprendizagem significativa. Por isso, a leitura interativa é tratada como uma construção de significado, onde o sujeito constrói significado sob a leitura.

Há, também, contribuições de Piaget (1896-1980), proponente da teoria genética da aprendizagem, base do Construtivismo, que aborda a teoria de esquemas, permitindo ampliar a discussão sobre esquemas de ação e de conhecimento no processamento da informação.

Piaget e Ausubel fundamentam, particularmente, a perspectiva interativa da leitura defendida pela espanhola Isabel Solé (2009, p. 44) que afirma que "ler é compreender e compreender é, sobretudo, um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender"

Por isso, é imprescindível o leitor encontrar sentido no fato, efetuar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura, e para isso tem de conhecer o que vai ler e para que fará isso; também deve dispor de recursos - conhecimento prévio - relevantes, confiança nas próprias possibilidades, como leitor, disponibilidades de ajudas necessárias, etc - que permitam abordar a tarefa com garantias de êxito; exige também que ele se sinta motivado e que seu interesse seja mantido ao longo da leitura (SOLÉ, 2009, p. 44).

A autora "supõe que o leitor seja processador ativo do texto" (SOLÉ, 2009, p. 24) e recupera princípios da teoria piagetiana acerca do construtivismo e da aprendizagem significativa de Ausubel:

Na explicação construtivista, adota-se e reinterpreta-se o conceito de

aprendizagem significativa criado por Ausubel (1963). Aprender algo equivale a formar uma representação, um modelo próprio daquilo que se apresenta como objeto de aprendizagem; também implica poder atribuir significado ao conteúdo em questão, em um processo que leva a uma construção pessoal de algo que existe objetivamente. Esse processo remete à possibilidade de relacionar de uma forma não arbitrária e substantiva o que já se sabe e o que se pretende a aprender (SOLÉ, 2009, p. 45).

Conclui-se que a leitura interativa contribui para que o leitor chegue ao domínio da leitura compreensiva, pois ele precisa da interação com o autor para construir significado e conseqüentemente chegar a compreensão, tema esse que será abordado a seguir.

1.4 LEITURA COMPREENSIVA

A leitura compreensiva privilegia a cognição. Embora as três formas de leitura possuam matrizes teóricas distintas, elas se completam na leitura compreensiva. Isto significa que para compreender um texto, é necessário que o aluno decodifique, domine o código da língua materna. A partir daí interaja com o autor/texto, dialogue a fim de extrair seu significado. Esse processo se completa quando o leitor se apropria do código, interage com o autor/texto e passa a ser mediado a fim de problematizar o texto/conteúdo/autor/ideologias. Ratificando a leitura compreensiva difere das duas outras abordagens. A primeira, a leitura decodificada, o papel do leitor é apenas a interpretação dos sinais linguísticos, é uma leitura superficial; já a segunda a leitura interativa, o leitor interage com o texto, mas não compreende as nuances do texto, não extrai conteúdos e conceitos o que não contribui para a sua compreensão. (CASTANHEIRA, 2014)

Daí se define a importância e o papel do professor mediador, pois o processamento da informação ocorre na mente do leitor, juntamente com a intervenção e “ajudas cognitivas” do professor e colegas mais experientes. A leitura compreensiva poderá contribuir decisivamente para formação do leitor crítico/ativo, pois a leitura ganha um novo enfoque, aqui ela é entendida como um processo social, as suas funções estão relativamente ligadas as questões sociais. A estratégia de leitura neste modelo está focada no leitor/texto/autor/mediador. (CASTANHEIRA, 2014)

A concepção de leitura compreensiva, deve ser vista dentro de uma matriz pessoal, social, histórica e cultural. Um professor para mediar a leitura deve estar

preparado para ir além da palavra escrita, ajudar os alunos dialogar com o texto/autor/conteúdo/informações, e também ajudar os alunos a empregarem as regras gramaticais de pontuação, concordância, pronomes anafóricos, como auxiliares da comunicação e compreensão do texto.

Tendo em vista que a leitura compreensiva é o objeto da investigação, a mesma será definida como objeto de aprofundamento dos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2 - LEITURA COMPREENSIVA E A IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DA LEITURA

2.1 LEITURA COMPREENSIVA

A leitura compreensiva enfoca não apenas o ato de decodificação, de transposição de um código (escrito) a outro (oral), mas um ato de cognição, de compreensão de conhecimentos linguísticos que vão muito além dos fonemas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante da dificuldade de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (BRASIL, 1998, p. 69-70).

Mais do que um processo, Foucambert (1994, p. 38) define o ato de ler como “uma negociação entre o conhecido, que está na nossa cabeça, e o desconhecido, que está no papel; entre o que está atrás e o que está diante dos olhos”.

Miller (2003), com base na concepção de leitura adotada por Chartier *et al* (1996), descreve-a como:

[...] um processo pelo qual o aluno deve chegar à compreensão do escrito não só com relação ao seu conteúdo, mas no que diz respeito a todas as implicações decorrentes de seu modo de organização, sua função, suas especificidades gramaticais e elementos implícitos no texto (MILLER, 2003, p. 335).

O código escrito é o objetivo primordial de compreensão do leitor, mas não o único. Ao ler cada palavra, o leitor deve fazer relação com o sentido do texto, ele deverá fazer previsões, construir estratégias que favoreçam não apenas a interpretação, mas também a compreensão do que lê, uma vez que a atividade de compreensão define o objetivo central da leitura.

Para Moirand (1973 *apud* CASTANHEIRA, 2014), a compreensão implica competência. A competência fica visível na seleção de estratégias mais adequadas que o leitor emprega no ato da leitura. A competência comunicativa resulta na combinação dos componentes linguístico, discursivo, referencial e sociocultural.

Quanto mais o aluno praticar a leitura, tanto mais domínio desses componentes terá e mais proficiente se tornará, pois, por meio dela, o leitor alcançará maior autonomia e domínio social.

2.2 ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DE LEITURA

Podemos defini-las “como operações ou processos mentais investigativos que são ativados pelo leitor para selecionar e organizar informações significativas que favoreçam o alcance dos objetivos da leitura” (CASTANHEIRA, 2014, p.113). Os professores tem a missão de ensinar as estratégias de leitura aos seus alunos por meio da mediação pedagógica, pois elas vão permitir que o aluno domine o ato de ler. O aluno que aprende a tomar decisões sobre o ato da leitura passa a ser o mediador de suas próprias estratégias, ou seja, passa a ser o autor regulador desse processo. “O ensino das estratégias contribui para dotar o aluno dos recursos necessários para aprender a ler” (BRASIL, 2006, p. 17).

Para Goodman (1990 *apud* BRAGGIO, 2002), as estratégias de leitura envolvem um amplo esquema por parte dos leitores para obter, avaliar e utilizar informações.

Solé (2009, p. 72) afirma que “o ensino de estratégias de compreensão contribui para dotar os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender”.

As estratégias devem permitir que o aluno planeje a tarefa geral de leitura e sua própria localização - motivação, disponibilidade, - diante dela; facilitarão a comprovação, a revisão, o controle do que se lê e a tomada de decisões adequada em função dos objetivos perseguidos (SOLÉ, 2009, p. 73).

O uso das estratégias de leitura se tornam então imprescindíveis para a aquisição da leitura compreensiva. O foco não é formar leitores que possuam diversas estratégias, mas que saibam utilizar as estratégias adequadas a fim de chegar à compreensão do texto. Ao pensar no ensino das estratégias de leitura, Solé (2009) sugere questões que formulam ou que deveriam formular ao leitor:

1. Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Equivaleria a responder as perguntas: O que tenho que ler? Por que/ para que tenho que lê-lo?
2. Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. O que sei sobre o conteúdo do texto? O que sei sobre conteúdos afins que possam ser úteis? Quais são as outras coisas que sei que podem me ajudar: sobre o autor, o gênero, o tipo do texto...?
3. Dirigir a atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial (em função dos propósitos perseguidos: v. ponto 1). Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir

o meu objetivo de leitura? Quais as informações que posso considerar pouco relevantes, por sua redundância, seu detalhe, por serem pouco pertinentes para o propósito que persigo?

4. Avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “sentido comum”. Esse texto tem sentido? As ideias expressadas no mesmo têm coerência? É discrepante com o que eu penso, embora siga uma estrutura de argumentação lógica? Entende-se o que quer exprimir? Quais as dificuldades que ele apresenta?

5. Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto interrogação. O que se pretendia explicar neste parágrafo, subtítulo, capítulo? Qual é a ideia fundamental? Posso reconstruir os argumentos expostos? Posso reconstruir algumas ideias? Tenho uma compreensão adequada?

6. Elaborar e provar inferências de diversos tipos, como interpretações, hipóteses e previsões e conclusões. Que final podemos dar para o romance que acabamos de ler? Qual sugestão para resolver o problema exposto no texto? Quais - por hipótese - os significado das palavras desconhecidas? O que pode acontecer com o personagem? (SOLÉ, 2009, p. 73).

As questões mencionadas têm o propósito de guiar o leitor em sua leitura, e dar a ele um norte, com o objetivo de seguir os passos necessários em direção à compreensão. Afinal, as estratégias ajudam o leitor a tomar caminhos quando se depara com problemas na leitura. Para aprofundá-las, Castanheira (2014) elenca as seguintes: Inferências, Predição, Checagem de hipótese, Movimento dos olhos de ir e vir sobre o texto e Metacognição.

a) Inferências

Consistem no ato de inferir, de acrescentar ao que é conhecido uma informação nova e necessária, contribuindo assim para a compreensão do texto. Quando o leitor faz inferências ele “[...] encontra relações semânticas ou lógicas entre proposições ou eventos que estão expressos na narrativa, ou preenche a informação que falta, a qual é necessária para fazer tais conexões entre eventos” (BRAGGIO, 2002 *apud* CASTANHEIRA, 2014, p. 117). É quando o leitor consegue ativar os seus esquemas de conhecimento com o objetivo de compreender o que está lendo.

De acordo com Warren, Nicholas e Trabasse há dois tipos de inferências: conexão de texto e preenchimento de espaços. As inferências de conexão do texto mostram relações entre diferentes segmentos proposicionais e causais. As inferências de preenchimento de espaços incluem a informação que o escritor não deixou explícita no texto (BRAGGIO, 2002, p. 44 *apud* CASTANHEIRA, 2014, p. 117),

Para Braggio (2002, p. 71 *apud* CASTANHEIRA, 2014, p. 117),

[...] inferência, que é uma estratégia geral de inferir (não ao acaso), com base no que é conhecido, aquela informação que é necessária, mas não é conhecida. Os leitores inferem informações grafofônicas, sintáticas e semânticas. Além disso, eles inferem informações explícitas e implícitas no

texto.

Para que o leitor chegue ao domínio dessa estratégia de leitura, ele deve utilizar seu conhecimento prévio, o que favorece sua capacidade inferencial, para prever as informações do texto. Esse processo é dinâmico e ocorre durante a leitura sempre que for necessário buscar um significado para o que está sendo lido.

[...] inferir é uma estratégia que permite aos leitores considerar o texto sob uma nova perspectiva de seu conhecimento prévio e a criar sentidos únicos através de informações que não foram dados pelo autor, ou seja, são aquelas informações que não se encontram explícitas, mas que os alunos podem ler nas entrelinhas, quer dizer, é por essa estratégia que o leitor poderá ler os silêncios trazidos nas obras literárias. (OWOCHI, 2003 *apud* SOUZA, 2009, p. 64)

b) Predição

Quando o leitor se coloca diante de um determinado texto, ele constrói uma hipótese acerca do que irá encontrar em sua leitura. Braggio (2002 *apud* CASTANHEIRA, 2014) vê o uso das predições como um componente indispensável para o processo de compreensão. Ele define a predição como uma seleção de possibilidades, onde as altamente improváveis são primeiramente descartadas para que as mais prováveis sejam examinadas. Isso ocorre pelo fato de que a leitura pressupõe a elaboração de um saber prévio, que fornece dados para o leitor levantar hipóteses sobre o que irá ler.

Essa estratégia faz parte então do conhecimento do leitor. Não é uma estratégia precisamente ensinada, mas algo que faz parte durante o exercício da leitura. Essa é uma estratégia natural a todas as pessoas quando se comunicam.

Isso ocorre, por exemplo, quando o leitor se depara com palavras que aparecem mais frequentemente do que outras. O cérebro recebe a informação não-visual dessa frequência, permitindo que o leitor antecipe e elimine a necessidade de fazer a leitura de palavra por palavra. A leitura também é ligada ao conhecimento sobre assunto lido, que se torna mais “fácil” quando o leitor já conhece parcialmente as informações que o texto trás. Sobre isso Castanheira (2014, p.116) afirma:

Quando o leitor interage com o autor, ele é capaz de inferir, perceber qual a palavra adequada para completar o seu pensamento, a sua ideia, manter o diálogo e assim predizê-la. Para tanto, o conhecimento prévio sobre o assunto e sobre a própria língua contribui para esse processo. É impossível prever uma palavra, completar uma lacuna, se o assunto é desconhecido pelo leitor ou se tratar de uma língua estrangeira que ele desconheça.

c) Checagem de hipótese

Esta estratégia permite o aluno testar o significado e fazer a ligação de uma frase com a outra, em busca de lógica e significado. É o processo mental em que o leitor pode testar suas suposições e checar a consistência de suas informações. "A estratégia de confirmar/não confirmar torna o auto monitoramento da leitura possível" (BRAGGIO, 2002, p. 72 *apud* CASTANHEIRA, 2014, p. 119). As estratégias de inferência e predição, são beneficiadas da checagem de hipóteses.

d) Movimento dos olhos de ir e vir sobre o texto

É quando a experiência do leitor com o vocabulário, com o sentido das palavras, leva-o prontamente a reconhecê-las. Braggio (2002, p. 72 *apud* CASTANHEIRA, 2014, p. 119) explica que "a leitura é um processo psicolinguístico cíclico, onde o processamento perceptual depende do input ótico, o processamento sintático opera sobre o input perceptual e o processamento semântico opera sobre o input sintático".

Esse movimento consiste em retomar o início da frase, prosseguir até o final, fazer pausas, fixar os olhos numa ou mais palavras. É correr os olhos sobre o texto, empregar ritmo na leitura, fazer retorno a palavras não compreendidas ou que foram puladas no momento da leitura, comparar, processar as informações até determinado ponto, encontrar o início das frases, o sinal de pontuação, as deixas do autor em termos de substantivos (gêneros, número, grau) das cadeias anafóricas, para facilitar o processo de inferir e predizer, e, conseqüentemente, construir significado. É ler e reler palavras e frases até que elas tenham sentido para o leitor.(CASTANHEIRA, 2014)

Segundo Castanheira (2014), na leitura ocidental ocorrem movimentos oculares da esquerda para a direita. Os olhos não se fixam em uma única palavra ou frase, eles reagem de forma dinâmica durante a leitura em busca da construção do significado.

e) Metacognição

Está relacionada com a memória. Os alunos, ao aprenderem a regular seus processos mentais, estarão se tornando competentes, serão capazes de transportar as estratégias cognitivas de leitura para outras situações e empregá-las segundo suas necessidades de dominar e compreender o que leem.

Essa estratégia tem raízes na teoria de Piaget e em sua evolução encontramos ramificações com a teoria da aprendizagem de Vigotsky, sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que define as funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação.

John Flavell (1928-), discípulo de Piaget, foi quem cunhou pela primeira vez o termo metacognição, compreendendo-o como a capacidade humana de “exercer um certo controle consciente sobre os próprios estados mentais”. Como estratégia de leitura a metacognição foca no processamento da informação. (COLL *et al* 2004, p.153-154 *apud* CASTANHEIRA, 2014)

Segundo CASTANHEIRA (2014), metacognição é a capacidade de o indivíduo realizar seu próprio processo de aprendizagem, de programar conscientemente suas próprias estratégias de aprendizagem, de memória, de solução de problemas e tomada de decisões, de autorregulação, para que assim possa transferir os conteúdos a outras situações similares.

Através dessas estratégias básicas, os leitores controlam sua própria leitura de forma constante para assegurar-se de que tenha sentido. Um leitor proficiente utiliza vários procedimentos para chegar ao objetivo da leitura, se um não dá certo ele tenta outro, é a habilidade de monitorar a própria compreensão. É importante salientar que o aluno não adquire essas estratégias de leitura sozinho, ele precisa da mediação leitora durante esse processo.

CAPITULO 3 – LEITURA COMPREENSIVA: MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

O objeto de estudo - leitura compreensiva - só pode ser alcançado com a mediação pedagógica, que é exercida pelo professor com o intuito de intervir de modo que contribua para a aquisição da compreensão do leitor.

3.1 A TEORIA DA APRENDIZAGEM DE VYGOTSKY: O CONCEITO DE MEDIAÇÃO

Para que haja desenvolvimento do ser humano, as interações sociais são necessárias, pois elas favorecem o desenvolvimento psicológico dos indivíduos. É nessa linha de pensamento que o psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934) discorre os seus estudos sobre aprendizagem. Segundo ele, um homem só se forma em contato com a sociedade. Ele rejeitava as teorias inatistas, que dizem que o ser humano já carrega, ao nascer, as características que desenvolverá ao longo da vida, e as teorias impriristas e comportamentais que afirmam que o ser humano é produto dos estímulos externos. Segundo Vygotsky, a formação do ser humano é definida pela relação do mesmo com a sociedade e com a interação que ele estabelece com o meio. (VYGOTSKY, 1991)

Desde o nascimento um bebê está em interação com um adulto e é justamente esta interação que promove o amadurecimento da criança até a fase adulta. Segundo Rego (2014, p. 60), “para Vygotsky, o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social”.

Em síntese, o desenvolvimento do psiquismo humano é mediado pelo o outro sujeito mais experiente do grupo social, que o auxilia durante esse processo, até que o indivíduo se aproprie pouco a pouco dos modos de funcionamento psicológico e tenha visão acerca do contexto social em que ele está inserido. Após essa internalização o indivíduo não precisará mais da intermediação de outras pessoas para ajudá-lo em funções básicas.

De acordo com Vygotsky a conquista da linguagem representa um marco histórico no desenvolvimento humano:

[...] a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e a controlarem seu próprio

comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais (Vygotsky, 1991, p. 31)

Com isso, é possível mensurar a importância da linguagem como forma de expressão do pensamento, afinal a linguagem é o principal meio de comunicação existente. Não é apenas a linguagem da fala que é uma forma do sujeito se relacionar com o mundo, mas a linguagem escrita também.

Algumas pesquisas demonstraram que este processo ativa uma fase de desenvolvimento dos processos psicointelectuais inteiramente nova e muito complexa, e que o aparecimento destes processos origina uma mudança radical das características gerais, psicointelectuais da criança (Vygotsky, 1991, p. 116)

O domínio da linguagem escrita se torna um novo instrumento de pensamento. Segundo Vygotsky, a aquisição da linguagem escrita é complexa, mas é um processo que a criança inicia "muito antes da primeira vez que o professor coloca um lápis em sua mão e mostra como formar letras" (VYGOTSKY, 1991, p. 143). A complexidade a que Vygotsky se refere deve-se a elaboração das representações simbólicas (onde os signos representam significados). Ou seja, é necessário que o indivíduo constitua uma determinada linha de pensamento para chegar a aquisição da escrita. Afinal, para aprender a ler e a escrever é necessário pensar sobre a escrita, sobre o que ela representa e como representa a linguagem.

3.2 ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL (ZDP)

Como já dito, os aspectos da cultura e da sociedade são fundamentais para o desenvolvimento das funções psicológicas do ser humano. Para o sujeito se constituir depende do aprendizado que ele alcança em um determinado grupo social. O aprendizado determina então o desenvolvimento do sujeito. "O aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam" (Vygotsky, 1991, p. 99).

Com isso, Vygotsky acredita que, embora o aprendizado da criança se inicie muito antes dela frequentar a escola, o aprendizado escolar introduz elementos novos no seu desenvolvimento. Ele identifica dois níveis de desenvolvimento: um se refere às conquistas já efetivadas, ou seja, é determinado pela capacidade de resolver um

problema sozinho, que ele chama de nível de desenvolvimento real. O outro, o nível de desenvolvimento potencial, é determinado através da resolução de um problema sob a orientação de alguém mais experiente.

O nível de desenvolvimento real indica que os processos mentais da criança já se estabeleceram e que os ciclos de desenvolvimento já se completaram. São os conjuntos de tarefas que a criança já consegue realizar de forma independente, como por exemplo: andar de bicicleta, escovar os dentes, usar a tesoura para cortar, resolver problemas de matemática dentre outros. Já o nível de desenvolvimento potencial também se refere àquilo que a criança é capaz de fazer, só que mediante a ajuda de outra pessoa. Rego (2014, p.73) diz que “nesse caso, a criança realiza tarefas e soluciona problemas através do diálogo, da colaboração, da imitação, da experiência compartilhada e das pistas que lhe são fornecidas”. Na visão de Vygotsky é nesse nível que é possível melhor descobrir os processos mentais que a criança já desenvolveu.

É por meio da relação desses dois níveis que surge a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que trata da distância existente entre o que o aluno consegue realizar de forma independente e o que ela consegue realizar de forma assistida, com a mediação de alguém mais experiente, no caso da leitura, o professor.

Aquilo que o aluno aprende com o professor será internalizado por ela e fará parte de seu repertório. Segundo Vygotsky (1991, p. 98), "aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã - ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã".

Ao ligar os estudos de aprendizagem de Vygotsky com o tema proposto, pode-se observar que a mediação pedagógica é fundamental para o ensino da leitura compreensiva.

3.3 MEDIAÇÃO LEITORA

A ZDP de um aluno se desenvolve em um ambiente de ensino que tenha condições e contextos favoráveis ao seu aprendizado. O próprio ambiente da sala de aula deve promover um conjunto de situações de usos reais de leitura, o que será propício para que o aluno participe. É de extrema importância que o professor seja o principal leitor, e que os alunos presenciem o uso da leitura em seu cotidiano. Assim,

eles vão ter a oportunidade de pensar sobre a língua, construindo significados sobre ela e compreendendo a leitura.

Ao pensar na leitura em sala de aula, deve-se considerar que os alunos muitas vezes têm poucas oportunidades de presenciar atos de leitura juntamente com pessoas mais experientes, o que torna esse momento ainda mais essencial. Com o objetivo de favorecer a aprendizagem, o professor deve estimular a interação entre os alunos. No caso da leitura, a troca de conhecimentos acerca do texto entre professor e alunos é de extrema importância, afinal o conteúdo do texto está de um lado, o aluno de outro e o professor no meio, aproximando os dois.

Sobre a mediação no ato da leitura, dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS):

Essa atividade só poderá ser realizada com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal parceiro, agrupar seus alunos de forma a favorecer a circulação de informações, entre eles, procurar garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da colaboração e, conseqüentemente, da própria aprendizagem, sobretudo em classes numerosas nas quais não é possível atender a todos os alunos da mesma forma e ao mesmo tempo. A heterogeneidade do grupo, se pedagogicamente bem explorada, desempenha a função adicional de permitir que o professor não seja o único informante da turma". (BRASIL, 1997, p. 42)

Antes de formar leitores competentes, o professor mediador precisa descobrir caminhos que levem os seus alunos a descobrirem o gosto da leitura. Devem estimular e despertar a vontade de ler. Para que isso ocorra é necessário os alunos tenham acesso a materiais impressos de qualidade, que seja disponibilizado pela escola e pelo professor uma diversidade de gêneros textuais. O professor também deve manter um planejamento diário de momentos de leitura.

O papel do professor na mediação leitora possui a importante missão de formar leitores competentes. Sendo assim, deve-se considerar os aspectos culturais envolvidos e mais do que isso, o professor mediador ajuda a aumentar o repertório dos leitores com projetos de leitura. Esses projetos devem explorar diferentes gêneros textuais que circulem no meio social e que façam sentido para a realidade dos alunos.

3.4 COMO REALIZAR A MEDIAÇÃO LEITORA

A mediação para a formação de leitores depende de planejamento. O professor deve se preparar para atuar em três fases: antes, durante e depois da exploração do texto.

3.4.1 Preparação antes da leitura

Antes do momento da leitura é importante que o professor mediador estabeleça o objetivo da proposta de leitura. É preciso ter clareza acerca do que deseja alcançar a partir de determinado texto, e qual a finalidade de sua escolha. A leitura é realizada de acordo com o objetivo que se tem diante de um texto, uma vez que os leitores reagem a um determinado texto de maneiras diversas à medida que buscam utilizar e compreender o que estão lendo, ou seja, é preciso definir o porquê, do sentido de ler o texto. (CASTANHEIRA, 2014)

Outro ponto importante são os conhecimentos prévios, que quando ativados antes da leitura favorecem a compreensão do que está por vir na leitura do texto indicado. Fazer o diagnóstico do que o aluno já sabe, auxilia o professor a “dar” sentido à leitura, e relacionar o que aluno já sabe com o que ainda precisa conhecer. São atividades que estimulam o aluno a expor o que já sabe acerca do tema, para que o conhecimento já armazenado seja ativado. Os questionamentos feitos pelo professor permitem aos alunos estabelecerem previsões sobre o texto e a seguir, realizar inferências.

3.4.2 Efetivação - o momento da leitura

Dentre os momentos que envolvem a leitura é nesta que o professor mais precisa ser o mediador da atividade. Sua função consiste em fornecer as instruções necessárias para que os leitores cheguem à compreensão do texto, ou seja, o maior protagonista continua sendo o leitor e o professor atua sem tirar a postura ativa do aluno sob o texto.

Para propiciar o contato inicial do aluno com o texto o professor pode solicitar uma leitura silenciosa, e logo após fazer uma leitura simultânea com os alunos, que é o momento em que, lentamente, o professor mediador explora vários aspectos do texto, sanando dúvidas e instigando-os a usar as estratégias de leitura a favor da compreensão do que é lido. Para Bortoni-Ricardo, *et al* (2015, p. 58), o professor deve realizar uma leitura simultânea, em que “todas as dimensões do texto deverão ser aprendidas; por isso o professor, em seu papel mediador, deverá realizar a leitura lentamente, explorando o texto do ponto de vista sintático, semântico e pragmático”.

Nessa etapa de compreensão, uma leitura minuciosa é favorável para que o leitor explore o vocabulário do texto, observe a consequência do passo a passo e

assim como as expressões contidas nele. Além disso, o aluno, diante dessa leitura compreensiva e da mediação feita pelo professor, irá conseguir fazer inferências e conseguir o nível de aprendizado que a leitura fornece.

3.4.3 Após a leitura do texto

Para verificar se após a leitura houve de fato a compreensão do que foi lido, o professor mediador pode utilizar de estratégias para avaliar a leitura. Nesse ponto perguntas a serem feitas pelo professor pode facilitar, como: qual é o tema do texto? Qual é a ideia mais importante que o autor traz? Dessa forma será possível que o professor escute os alunos, e identifique o que eles compreenderam do texto. Solé (2009) afirma que essa atividade é essencial para que os alunos aprendam a partir dos textos.

[...] o tema indica aquilo do que trata um texto e pode exprimir-se mediante uma palavra ou sintagma. Tem acesso a ele respondendo à pergunta: De que trata este texto? A ideia principal, por outro lado, informa sobre o enunciado (ou enunciados) mais importante que o escritor utiliza para explicar o tema. Pode estar explícita no texto e aparecer em qualquer lugar dele, ou pode estar implícita. [...] a ideia principal é a resposta à pergunta: Qual é a ideia mais importante que o autor pretende explicar com relação ao tema? (AULLS 1978, 1990 *apud* SOLÉ, 2009, p. 135).

Uma atividade que também pode ser utilizada para avaliar a leitura, é pedir que os alunos elaborem um resumo a partir da leitura feita. Assim, além do aluno destacar os pontos importantes do texto, ele também vai conseguir colocar em prática o sistema da escrita, e a elaboração de síntese

CAPITULO 4 – COMPREENSÃO LEITORA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO

No sentido de colocar em prática as estratégias de mediação leitora: antes, no momento e após a leitura, foi elaborada uma proposta de mediação, que consiste em favorecer o entendimento dos aspectos trabalhados. Lembrando que não é uma camisa de força e sim uma sugestão que pode ser considerada no momento de planejar uma aula de leitura, afinal, como levanta Braggio (2002, p. 76), “qualquer prática instrucional deve levar em consideração o contexto situacional e linguístico no qual o evento de leitura/escrita ocorre”.

Compreendendo que a leitura deve ser trabalhada em diversas disciplinas e não apenas em Língua Portuguesa e em todos os níveis, é que a mediação foi planejada para ser ministrada na disciplina de Ciências Naturais, com os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. A seguir será destacado o texto, e adiante será detalhada a proposta, considerando que várias são as possibilidades de se trabalhar com um determinado texto, com a finalidade de ler para de fato aprender.

4.1 O TEXTO

Os alunos serão convidados a observarem o texto prescrito no quadro:

Vamos comer vegetais e verduras!

A cenoura é um vegetal rico em vitamina A, que contém betacaroteno, um tipo de antioxidante. Além da cenoura, outras verduras e os outros legumes são ricos em fibras, em vitaminas, minerais e ainda têm pequenas quantidades de proteínas e gorduras. Tudo isso é muito bom para a saúde.

Fonte: gnt.globo.com/.../conheça-os-vegetais-e-os-beneficios-daqueles-mais-consumidos-nas- adaptado

4.2 MEDIAÇÃO ANTES DA LEITURA

O professor mediador vai esclarecer o objetivo da leitura, que é conhecer a importância dos vegetais e legumes para a saúde. Logo após, o ambiente da leitura será organizado, com os alunos sentando em um semicírculo, de modo que haja uma maior interação entre todos para a aprendizagem. Os combinados das regras de

participação serão lembrados, a fim de conscientizar os alunos sobre a importância do momento de ler para aprender.

De início, o professor vai esclarecer a fonte do texto, ou seja, que ele foi extraído de um site da internet: gnt.globo.com. É muito importante que os alunos saibam a origem do material que estão em contato, pois é uma informação que irá agregar ainda mais conhecimento ao repertório dos alunos.

Logo após o professor irá instigá-los a analisar o título do texto: **Vamos comer vegetais e verduras!** Algumas sugestões de perguntas são: Qual é o título do texto? Texto tem nome ou título? Tem alguma pontuação no título? Se sim, qual? E qual a finalidade do uso? Contém alguma palavra no plural? O que são verduras e legumes? Existe alguma diferença ou semelhança entre elas? Se sim, qual? Vamos ler o texto para confirmar?

Esse é o momento de fazer uso dos conhecimentos prévios dos alunos e favorecer a compreensão do que o aluno já sabe sobre o assunto e do que ele irá aprender a seguir. O questionamento acerca do título é uma estratégia imprecidível pois induz o leitor a continuar lendo o texto, a fim de responder as perguntas, e também desperta curiosidade acerca do que virá adiante.

É pertinente também que a tipologia textual seja questionada aos alunos. Caso não cheguem a resposta - texto informativo -, o professor mediador pode voltar ao objetivo da leitura e esclarecer informações adicionais acerca do formato desse tipo de texto. Após a definição do gênero textual, o professor pode levantar mais questões: Porque esse é um texto informativo? Quais informações ele apresenta? Que outros exemplos de textos informativos vocês conhecem? Após concluir esse momento antes da leitura o professor mediador pode convidar os alunos a lerem todo o texto, dando sequência ao emprego das estratégias cognitivas.

4.3 MOMENTO DA LEITURA

Nesse momento o professor mediador irá solicitar que os alunos façam uma leitura silenciosa do texto, favorecendo uma relação mais direta entre leitor e autor e uma captação mais efetiva do significado do texto. É muito importante incentivá-la para que se desenvolva o gosto pela leitura, que resultará em leitores competentes capazes de ir além de decodificar os sinais gráficos.

Após todos os alunos terem feito uma leitura silenciosa, o professor dará início a uma leitura simultânea com o objetivo de ouvir a leitura em voz alta e trocar opiniões acerca das interpretações e aspectos do vocabulário do texto lido/ouvido. Em seguida será feita a leitura de frase a frase.

1º frase: A cenoura é um vegetal rico em vitamina A, que contém betacaroteno, um tipo de antioxidante.

Com a leitura da 1º frase, o professor mediador vai voltar a chamar atenção ao título do texto: “Vamos comer vegetais e verduras!” e pedir que os alunos identifiquem se é uma afirmação, interrogação ou exclamação; e lembrá-los que o título do texto incentiva as pessoas a comerem vegetais e verduras. Neste movimento percebe-se o uso da estratégia de *ir e vir dos olhos sobre o texto*, ao ler simultaneamente o título e a frase.

O professor mediador pode aproveitar o momento para explicar aos alunos que os vegetais e verduras possuem nutrientes essenciais para a saúde. Com a leitura feita da 1º frase pode fazer perguntas: Só a cenoura é importante para a saúde? Ou tem outros vegetais e legumes que são também? O que é betacaroteno? Que características traz aos vegetais? Essas perguntas vão fazer com que os alunos voltem novamente ao texto e leiam, o que irá propiciar que façam sugestões do que poderia ser, juntamente com o professor mediador, que não deve dar a resposta, mas fornecer pistas para que os alunos usem os seus conhecimentos linguísticos.

Através das perguntas, o professor vai incentivar a curiosidade dos alunos, de forma que possam fazer inferências e trabalhar de acordo com as informações obtidas. Logo após a busca do significado das palavras desconhecidas, o professor poderá explicar que a cenoura contém betacaroteno que é um tipo de antioxidante, fazendo com que voltem no texto e identifiquem essas palavras que estão presentes no cotidiano, para que possam ser trabalhadas. Diante disso, o professor pode ampliar os conhecimentos prévios sobre a cenoura ser um vegetal rico em vitamina A, para que os alunos relembrem o que são os nutrientes, e como eles são essenciais para o funcionamento do corpo.

2º frase: . “Além da cenoura, outras verduras e os outros legumes são ricos em fibras, em vitaminas, minerais e ainda têm pequenas quantidades de proteínas e gorduras.”

Nesta frase os alunos serão convidados a ler todos juntos e em voz alta. Logo após, o professor irá checar se todos compreendem os significados das palavras: fibras, vitaminas, minerais, proteínas e gorduras. Diante disso, o professor propicia que os alunos exponham seus conhecimentos prévios para melhor compreensão do texto como um todo, e a partir das respostas sintetizar os significados delas. Será colocado em destaque o início da frase: **Além da cenoura, outras verduras e outros legumes...** para questionar os alunos: O que é a cenoura? Se ela é um vegetal o que mais tem vitaminas? Quem sabe o que são as verduras? E os legumes? Também são ricos em vitaminas. O que mais além das vitaminas? Na primeira frase falava que a cenoura era rica em fibras? E nessa frase?

Mais uma vez o professor pode oportunizar o movimento de ir e vir sobre o texto, sobre o título e sobre a primeira frase que permite também o desenvolvimento de outras estratégias cognitivas, como as inferências, predição e checagem de hipóteses. Voltando novamente ao título: “Vamos comer vegetais e verduras!” e perguntar quem sabe responder por que temos que comer vegetais e verduras. Esse é um momento importante, em que o professor mediador irá oportunizar que os alunos participem, e exponham o que aprenderam até aqui, tirem suas dúvidas acerca do assunto e demonstrem suas opiniões.

3º frase: **“Tudo isso é muito bom para a saúde.**

Outra vez todos lêem juntos a última frase. O professor mediador utiliza das falas dos alunos para finalizar a leitura, a fim de que todos compreendam que as verduras e os legumes possuem diversos benefícios para a saúde, e assim fazer o movimento de ir e vir ao texto para que eles compreendam quais são esses benefícios. Para chegar a essa compreensão primeiro deve-se ativar os conhecimentos prévios sobre o porquê “tudo isso é muito bom para a saúde”, e diante dessas respostas levantar mais questionamentos: O que mais é bom para a saúde? Devemos comer só esses alimentos? A aprendizagem nesta perspectiva efetiva-se em um ambiente interacional, por meio das pistas de contextualização.

4.4 MEDIAÇÃO APÓS A LEITURA

É o momento de solicitar aos alunos que identifiquem qual é o tema do texto e que eles apontem os pontos principais que foram apresentados no texto. O professor mediador pode sugerir um diálogo no qual o aluno pode apontar o que foi interessante e o que compreendeu no texto, além de fazer perguntas acerca do tema: Qual o título mesmo? No que se refere o texto? A cenoura é um vegetal rico em qual vitamina? Quais são os outros vegetais, verduras e legumes que você conhece além da cenoura? Somente a cenoura é um vegetal importante para a saúde?

Depois do professor e alunos interagirem, discutirem sobre o texto e sobre os novos conhecimentos, o professor mediador pode propor a elaboração de um resumo geral sobre o texto, para verificar sua compreensão.

A mediação feita por meio de perguntas e resumos possibilita o uso da *metacognição*, uma vez que leva os alunos a pensar, retomar o texto cognitivamente e finalmente sintetizar e resumir. Também leva-os a inferenciar e predizer sobre o sentido geral do texto.

4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA DE MEDIAÇÃO LEITORA

A proposta descrita ao longo deste capítulo visa sugerir o planejamento de uma aula de leitura em uma aula de Ciências do 3º ano do Ensino Fundamental, mas que pode ser seguido em outras disciplinas.

Tal proposta demonstra o papel importante do professor como mediador, e mais, como agente letrador, que possui a grande missão de formar leitores competentes. Não é um trabalho fácil: exige conhecimentos, tempo, planejamento e material adequado.

Em diversos momentos da leitura foram utilizadas as perguntas e respostas, o que demonstra que o conhecimento acontece nesse movimento de interação com o outro, com o partilhar de conhecimentos com o outro. Solé (2009, p. 173) afirma que: “compartilhar objetivos, compartilhar tarefas, compartilhar os significados construídos em torno delas”.

O uso das estratégias cognitivas de leitura são ativadas durante esse processo de busca de compreensão. As ações do professor mediador de levar o aluno ao seu conhecimento prévio para chegar a internalização de novos conhecimentos revelam que ele está agindo na ZDP do aluno, no sentido de chegar à leitura compreensiva, que abrange desde o decodificar os sinais gráficos, a interagir com o autor e texto até

a leitura compreensiva que faz o aluno ver além do escrito, enxergar as entrelinhas e encontrar sentido no que lê e também no mundo a sua volta.

O professor pode também ir além do texto escrito, e conversar com os alunos se vegetais, legumes e verduras estão presentes no prato dos brasileiros, se todos costumam comer assim, pensando nas dificuldades que muitos têm de comprar, ou de fazer, trabalhando assim o sentido político do texto.

Que papel importante e de responsabilidade que o professor mediador possui, a riqueza é a recompensa de contribuir para a compreensão desse aluno, para o desenvolvimento dele como sujeito ativo na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TCC que foi construído ao longo desses dois semestres me permitiu fazer uma reflexão sobre a importância da leitura, esta além da decodificação e de outros modelos de leitura que não permitem que o aluno desenvolva a leitura no sentido de se tornar um cidadão ativo, numa sociedade em que a leitura é imprescindível para a cidadania ativa dele, tanto na vida econômica, política e social.

Ao longo do trabalho, tive a oportunidade de relacionar os estudos acerca do tema com outras disciplinas, mostrando a base da psicologia e evidenciando a base da leitura na perspectiva da compreensão leitora. Isso contribuiu para pensar numa prática atuante, política, conseguindo selecionar o texto que vou oferecer para um aluno, o que é de extrema importância. O texto não deve ser selecionado com o intuito de apenas cumprir um currículo, ou para cumprir o horário da aula, mas para trazer ao aluno informação, permitindo que ele avance no conteúdo.

Como diz Solé (2009) existe um leque de leituras, ler para o lúdico, ler para uma receita, mas a sala de aula, o momento do ensino da leitura não pode ser confundido com práticas de leitura, pois o ensino da leitura é aquele em que o professor se posiciona como mediador, desde a seleção do texto. Não é que o professor não seja responsável por selecionar livros e propiciar práticas de leitura, mas desde o momento em que ele se posiciona para uma aula de ensino da leitura ele deve ter responsabilidade de que o conteúdo esteja presente, deve-se planejar e fazer uso das estratégias cognitivas de leitura - objetivos para a leitura, prever, inferir, conhecimentos prévios, resumos, previsões, confirmação e não confirmação, checagem de hipóteses, metacognição, dentre outras estratégias.

Concluindo o trabalho contribuiu para aprofundar o meu conhecimento sobre a compreensão leitora e especialmente sobre qual o papel da mediação pedagógica, nesse processo, papel do professor tem a missão de formar não apenas leitores proficientes, mas cidadãos ativos, que compreendem a leitura como peça fundamental para o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeira e CASTANHEIRA, Salete Flôres. **Formação do professor como agente letrado**. São Paulo. Contexto, 2015.

BRAGGIO, S. L. B. **Leitura e alfabetização**: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 mai. 2021.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** - Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Programa Gestão da Aprendizagem Escolar** - GESTAR I - Língua Portuguesa: Processos de leitura e produção de textos - TP3. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CASTANHEIRA, Salete Flôres. **Formação docente para o ensino da leitura**. 2014. 328 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília - Faculdade de Educação. Brasília, 2014.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, L. C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **INAF Brasil 2018** - resultados preliminares. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro, 2019.

KLEIMAN, A. B. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1999.

MILLER, S. A leitura na escola. In: BARBOSA, R. L. (org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2003, p. 335-340.

REGO, Teresa Cristina. **Vigotski**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Editora Vozes, 2014.

ROJO, R.; MOURA, E. (Org.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, M. S. **Erros de decodificação no reconhecimento da palavra escrita na leitura em voz alta de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental**. 2016. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2016.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOUZA, S. F. **Estratégias de leitura para formação da criança leitora**. 2009. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente (SP), 2009.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.